

## 6 Considerações finais

Colocar o ponto final. Mesmo parecendo próprio, entendo que não é essa minha tarefa aqui. Ao contrário, perseguindo os caminhos trilhados por esse corpo docente, perscrutando as idas e vindas de suas trajetórias, únicas e singulares e, ao mesmo tempo, convergentes, o que deveria ser o fim se apresenta, apenas, como mais um fio, tecido em meio a tantos outros, propondo uma saída possível para o labirinto aberto pelas muitas discussões relativas à profissão docente. Como Teseu no labirinto após derrotar o Minotauro, importa-nos seguir esse fio para dele sair; diferentemente do herói grego, contudo, saímos agora para a ele voltarmos muitas vezes; seguimos o fio escolhido conscientes de que muitos outros nos levariam – por distintos corredores – a outras saídas.

O labirinto que cerca a profissão docente não é armadilha. Inversamente, é possibilidade; é multiplicidade de olhares e vozes; é a concretude da heterogeneidade de seus atores e de suas ações. Exatamente por isso, este texto não pretende propor conclusões ou proposições, mas suscitar questões, problematizando o processo de profissionalização docente de professoras que, atuando numa escola privada que atende à classe média baixa – aqui denominada Escola da Ladeira – têm sua identidade profissional e sua prática marcadas por esse contexto específico em constante diálogo com suas histórias de vida.

Pensar a profissionalização docente poderia nos levar a supor ou mesmo a buscar um caminho ideal para esse processo. Pensar em aspectos como formação inicial e continuada de qualidade, valorização social e salarial, desenvolvimento de uma carreira docente, boas condições de trabalho, carga horária que contemplasse o trabalho desenvolvido pelos profissionais fora da sala de aula, espaços institucionalizados de planejamento e discussão acerca do trabalho desenvolvido na escola, dentre outros, seria apontar para uma profissão sonhada, idealizada no contexto concreto da escola brasileira, seja ela pública ou privada. Ao contrário disso, esse trabalho procurou perseguir a concretude da profissionalização docente numa escola específica, buscando compreender seus limites e avanços, procurando ouvir a voz de seus atores e perceber como se dá esse processo, na sua experiência, *em seus próprio termos*.

Entrar na Escola da Ladeira, percorrer seus espaços, suas salas de aula, conhecer seus alunos, acompanhar seu corpo docente em atividade e me aproximar de suas histórias e trajetórias através das entrevistas me possibilitou apreender os caminhos trilhados por esses profissionais. Contudo, se isso me aproximou de sua atividade cotidiana e de suas percepções acerca de sua própria profissão, é certo que não me possibilita generalizar ideias ou mesmo acreditar que tudo foi compreendido e analisado. Ao contrário, tal aproximação mostra que esse espaço concreto – como tantos outros nos quais a atividade docente se desenvolve – vive nuances e tensões cotidianas, que marcam os docentes tanto em seu fazer pedagógico quanto nos sentidos que imprimem a essa tarefa.

O contato direto com essas professoras e suas histórias põe em xeque determinadas concepções relacionadas à docência exercida em escolas privadas. Em contraposição à situação da maioria das escolas públicas no Brasil, a escola privada é, de certa forma, cercada de um aura de eficácia, de bons resultados e, principalmente, de boas condições de trabalho. Em certa medida, essa pesquisa põe em cena aquilo que Lélis et al (2010) denomina “mito da superioridade da escola privada”, descortinando um cenário diferente, sim, daquele encontrado na escola pública brasileira em muitos aspectos, mas não necessariamente melhor.

Falar de profissionalização docente nessa escola, marcada pela atuação no espaço privado e, ainda, pelo atendimento a alunos provenientes da baixa classe média, é falar de um percurso ímpar, singular. Os caminhos trilhados nesse espaço são os possíveis, na conjugação entre as trajetórias de suas professoras e as marcas organizacionais da instituição. Se tal caminho se aproxima, em alguns aspectos, daquele vivenciado pelos professores de escolas públicas ou mesmo de escolas que atendem às elites da sociedade, em outros ele se distancia e toma corpo de forma particular. Não é possível afirmar, porém, que não há um percurso de profissionalização. Isso seria negar a própria profissão e a individualidade de seus atores. É possível, isto sim, pontuar avanços e retrocessos, e apontar para necessárias rupturas em busca de um modelo, se não idealizado, ao menos mais efetivo na concretude da escola.

A heterogeneidade que marca a escola de massas na contemporaneidade faz da atividade docente uma tarefa complexificada por processos que, se antes aconteciam nos espaços externos a ela, hoje se concretizam nos seus pátios, nos seus corredores e, especialmente, nas relações aí estabelecidas. Falar de

profissionalização docente então, não pode prescindir de um olhar sobre a pluralidade característica não apenas do público atendido pela escola, mas também dos sujeitos que, incitados por diferentes motivações, escolhem a docência como profissão e têm esse campo específico para atuação.

Para esse grupo, especificamente, a docência vem marcada por um processo de aderência *a posteriori*. Uma escolha, sim, mas feita dentro de um campo de possíveis engendrado em cada trajetória individual a partir de situações concretas de vida que, embora tenham afastado essas professoras de sonhos e desejos impossíveis de serem concretizados num determinado espaço e tempo de suas vidas, aproximou-as de uma vocação descoberta na lida do fazer pedagógico, aprendida e desenvolvida tanto em suas experiências formativas quanto em sua prática profissional. Se hoje elas atendem, nesse espaço escolar, a alunos provenientes da baixa classe média, é preciso ter em mente que elas mesmas são fruto de setores populares da sociedade, e que sua aderência e trajetórias vêm marcadas por esse contexto. Se suas lembranças de escolarização não deixaram marcas fortes, impressões destacadas, certamente suas histórias as fazem perceber o papel crucial dessa vivência em sua própria trajetória.

Mesmo num contexto de desvalorização da profissão docente, esse grupo busca, dentro de seus limites, a qualificação profissional através de uma certificação para a docência. A procura por capacitação e cursos de formação continuada é uma opção pessoal, tomada por aquelas que acreditam em sua profissão e, principalmente, esperam alcançar um desenvolvimento em sua carreira docente. Mesmo cientes do quadro que emoldura a profissão hoje, e afirmando a necessidade de maior valorização, inclusive salarial, para sua função, essas professoras, de forma geral, investem o possível em sua formação e na aquisição de um capital cultural institucionalizado que lhes possibilite crescimento na carreira docente, indicando que possuem expectativas; percebem no seu fazer a possibilidade de ir além do que já foram, e de crescer profissionalmente. Sua formação atende ao que lhes é exigido legalmente e, para a maioria, é o ponto de partida para outros caminhos almejados.

A profissionalização docente, acessada a partir das histórias de vida dessas professoras, é um percurso, um caminho a ser trilhado. E, nesse percurso, essas professoras são submetidas a situações ímpares, características da estrutura organizacional de uma escola privada que atende aos setores populares da

sociedade. Desde sua chegada a esse espaço institucional até o trabalho cotidiano nela desenvolvido, as marcas dessa instituição vão ajudando a moldar seu *habitus* profissional. E são essas marcas que tornam esse processo único.

Numa instituição dirigida de forma familiar, passada de mãe para filha, as relações estabelecidas fogem ao profissional e se configuram, também, como familiares. O dia a dia da escola é permeado pelos laços de amizade e confiança estabelecidos entre professoras e diretora. Se isso traz certo bem-estar traduzido na boa vida e no acesso direto à direção para a resolução de possíveis conflitos e dúvidas, também impõe inibições no que tange a reivindicações e, mesmo, discordâncias, por mais simples que sejam.

As relações pessoais, quase familiares, estabelecidas nessa escola garantiriam, na verdade, uma rede de segurança para a própria escola. Desprovida de uma coordenação pedagógica, a regulação do trabalho desenvolvido é feita pela própria diretora, e toma como caminho principal a afetividade. As professoras, tendo acessado a escola e conseguido um emprego, em geral, por indicação de alguém próximo à direção, se sentem acolhidas e “em casa”.

O espaço em que a escola funciona – uma casa adaptada, na qual ainda vive, no segundo andar, a ex-diretora e fundadora da instituição – ajudaria a manter um clima de proximidade e a impor um caráter quase doméstico ao trabalho desenvolvido. Comprometidas com o fazer pedagógico, contudo, as professoras vivem a tensão entre a relação afetiva e a racionalidade técnica de sua função, que lhes exige, dia a dia, a necessária competência para a transmissão dos conteúdos propostos.

Tais relações construídas não em rede, mas em linhas retas que apontam diretamente para a pessoa da diretora, faz com que esse corpo docente não sinta falta, de forma geral, de uma coordenação pedagógica, cujo papel seria oferecer-lhes um olhar de fora da sala de aula e proporcionar um debate constante acerca das práticas desenvolvidas na escola. Trocar ideias com a diretora já parece suficiente, e a regulação do trabalho, realizada via afetividade, acaba por perpetuar um idioma pedagógico institucional que valorizaria a transmissão de conteúdos e o trabalho individualizado desse corpo docente e, ainda, uma aparente sensação de liberdade e de autonomia.

Paradoxalmente, essas professoras se sentem livres para agir como querem, para tomar decisões relacionadas ao seu trabalho e aos seus alunos. O

trabalho individualizado, contudo, não significa autônomo. Ao contrário, essa rede de segurança, ao que parece, manteria os profissionais da escola agindo dentro das expectativas da direção e da ideia veiculada aos pais acerca da proposta da escola. Esse quadro, é claro, é comum a outras escolas. Toma novo significado nesse contexto, porém, na medida em que as professoras não parecem perceber que sem espaços para discussão, poucas brechas são abertas para colocar em questão seu próprio fazer. Possuidoras de um capital pedagógico construído nas trilhas percorridas por cada uma, essa instituição possibilita poucos espaços para a revisão e a negociação a partir do mesmo.

A preocupação demonstrada pelas professoras para com a ausência dos pais na escola e sua demissão no que tange ao desenvolvimento escolar dos filhos deixa nítido o caráter profissional dado por elas mesmas a sua atuação. Mesmo que questionemos a relação estabelecida entre família e escola e que reconhecamos a necessidade de abertura de ambas as instituições para o diálogo, tal preocupação demonstra como esse corpo docente sente as mudanças que têm envolvido o trabalho do professor nas últimas décadas e, mais, sua preocupação com a realização de sua atividade. Lidar com as famílias é um dos aspectos da profissão docente.

Tal preocupação demonstra, ainda, o olhar dessas professoras sobre a aprendizagem dos alunos. Em que pesem as questões levantadas acerca da ênfase na transmissão de conteúdos e nas atividades rotineiras percebidas no trabalho desenvolvido por elas, não seria possível negar que elas esperam que seu alunos aprendam. E buscam o apoio da família para isso, lançando mão de um recurso que lhes é conhecido a partir de suas próprias experiências escolares.

As experiências vividas na Escola da Ladeira delimitam, até certo ponto, uma trilha na qual se constitui a identidade profissional dessas professoras. No entanto, possuidoras de um *habitus* profissional híbrido e adaptável, elas não estão totalmente cerceadas por essa instituição. Ao contrário, suas trajetórias demonstram como outros caminhos têm sido buscados por muitas delas. Mesmo considerando-se satisfeitas em trabalhar nessa escola, elas têm projetos, sonhos, muitos dos quais vislumbram novas frentes para seu desenvolvimento na profissão.

Dessa forma, reafirmo aqui que essas professoras vivem um processo de profissionalização singular. Em que pesem os muitos aspectos problematizados,

as professoras dessa escola, de forma geral, afirmam o gosto aprendido pela profissão e pelo que ela lhes proporciona em termos, inclusive, de ascensão social. Em sua trajetória, constroem sua profissionalização trilhando pelos caminhos possíveis, mas sempre vislumbrando outros horizontes.

Fragmentada desde sua gênese, a profissão docente poderia ser analisada a partir de outros aspectos. A diferença no trabalho desenvolvido por professores dos diferentes segmentos, por exemplo, poderia ter sido abordada. A multiplicidade de tarefas a que estão submetidos no interior da escola, que ultrapassa sua função como docentes, indo até a venda de lanches ou o cuidado com os alunos na hora do recreio seria outro elemento de análise. A relação entre alunos e professores, enfatizando as práticas executadas para se manter a disciplina em sala de aula ou o estilo de gestão empreendido pela direção e a tensão vivida entre mãe e filha nesse processo, outros aspectos. Da mesma forma, outros referenciais teóricos poderiam propor outras discussões, outras formas de análise.

O presente trabalho não se propôs a tratar dessas questões. Não se coloca surdo às mesmas, porém. Entendo, contudo, que, como qualquer pesquisa, trabalho aqui com um ponto de vista – ou com a vista de um ponto... Muitos outros olhares podem e precisam ser lançados sobre esses professores, suas trajetórias e práticas, e sobre as instituições em que lecionam. Esse é o desafio que aqui proponho: que novos horizontes, novos sentidos, novos olhos sejam lançados sobre esse grupo que, na construção de sua identidade profissional, cruza suas histórias de vida e trabalho na constituição de trajetórias únicas e, por isso mesmo, integradas. Que sobre a singularidade inerente a esse corpo docente sejam construídas novas redes de compreensão, novos recortes temáticos, lidos a partir de novas fontes e referências. Que outros fios sejam seguidos, outras hipóteses levantadas e que assim, com seriedade e competência, o trabalho desses profissionais, inseridos em escolas que estão, muitas vezes, à margem do processo de regulação ou de incentivo dedicado às escolas públicas, seja conhecido a partir de suas próprias vozes e percepções.